

RELATO DE VIVÊNCIA COMO PROFESSOR DE UM ESTUDANTE CEGO DA PEDAGOGIA

Cláudio Albuquerque Marques⁴²

Primeiro eu queria expressar minha satisfação em ver que a universidade está caminhando por um percurso que requer a mudança de atitude por todo mundo. Incluir, trabalhar no processo de inclusão de alunos com necessidades especiais na área de educação, não é fácil. Assim, quando a gente vê um grupo de pessoas trabalhando, organizando seminários, a gente vê que a universidade está no caminho correto. Podemos esperar que a gente possa ter um processo de inclusão de fato, que a gente possa incluir todos os alunos, e não apenas um processo de adaptação de toda a universidade, para que eles possam sobreviver.

Fico também satisfeito por ver que boa parte dos assuntos que eu iria abordar, vários aspectos relativos à avaliação, a Ana Kristia já abordou. Eu só vou chamar atenção para um ponto que muito me surpreendeu: a atitude dos alunos que fazem parte dessa universidade.

Boa parte da minha fala vai ser baseada na experiência que eu tive com o Donaldo, estudante cego da Pedagogia. Por todo o semestre em que estivemos juntos, o Donaldo me ensinou muita coisa. Principalmente me chamou a atenção para o fato de que nós temos que mudar algumas atitudes e valores, que não devemos simplesmente passar a mão na cabeça do aluno porque ele é um aluno com necessidades especiais. Não deve ser por isso que nós vamos passá-los. É o mesmo ponto que a Ana Kristia falou. Os alunos com deficiência têm que, de fato, exigir seus direitos. Nós, professores, não temos que fazer concessões para com eles. Nós precisamos planejar nossas aulas e nos preparar para ensinar a eles.

⁴² Professor do curso de Pedagogia da UFC. Texto transcrito a partir da fala do autor, por ocasião da participação deste no Ciclo de Debates UFC Inlui.

Lembro uma reunião na qual uma colega disse: - *Gente, eu estou, assim, meio perdida, porque entrou um aluno com deficiência visual, e eu não tenho a menor ideia de como é que eu vou trabalhar com esse aluno.* Naquele momento isso me soou como sendo uma preocupação particular da professora, mas pouco tempo depois eu encontrei o Donaldto na minha sala de aula e pensei: - *Bom, agora eu é que preciso ver como trabalhar com este aluno.* Então, isso mostra o quê? Que na universidade ainda temos muito o que aprender nessa área. Nós, como pessoas, vamos começar a abrir os olhos e, de fato, começar a mudar.

Quando a gente se depara com um aluno que exige um funcionamento diferente, especial, precisamos pensar o que fazer. Para discutir a experiência que eu tive na turma do Donaldto, tentei estruturar minha fala em dois pontos principais: o primeiro refere-se aos problemas que a gente enfrenta em sala de aula e o segundo ao que a gente pode fazer para ter um processo de ensino e aprendizagem de qualidade. Eu não tenho resposta para esse debate, talvez a gente vá questionar mais do que responder. A Ana Kristia tocou em um ponto que aconteceu também comigo na sala de aula. Quando comecei a ensinar ao Donaldto, eu estava cansado do pó do giz, eu vivia espirrando, e resolvi usar transparências. Preparei a aula toda bonitinha, peguei o retroprojetor, instalei e comecei a dar aula. Então, era aquela história: mostro um aspecto aqui, outro ali, sempre apontando para a transparência. E o Donaldto calado. Depois de certo tempo, o Donaldto parou a aula e disse:

- Meu caro professor, eu não estou entendendo absolutamente nada da sua aula. O que diabos quer dizer esse aspecto aqui, aquele acolá? Foi quando eu disse: - Bom, de fato, eu preciso ter um pouco mais de didática.. Se eu voltar a cometer esse erro, você me chama a atenção na hora, não deixe passar meia hora, porque você perdeu muita coisa!

Então, um dos grandes problemas que a gente enfrenta na universidade é a falta de um setor que trabalhe com a inclusão.

Esse trabalho tem que passar obrigatoriamente por elementos como infraestrutura física, capacitação de professores, disponibilização de recursos didáticos, e na UFC não temos um setor que trabalhe com isto. Então, talvez com o resultado desse projeto, a gente possa ter, dentro de seis meses ou um ano, uma melhor consciência das dificuldades. O que a gente deve fazer agora, associado a esse projeto de integração, de inclusão? Nós temos todo um conjunto de procedimentos que a gente considera padrão: de estar dando aula achando que aqueles alunos videntes é que são “normais” e que a gente não tem que se preocupar, nem com aqueles alunos superdotados, que também requerem um trabalho profissional, nem com aqueles alunos que têm dificuldades de aprendizagem. A gente simplesmente ignora, acha que todo mundo deve ser igual e passa pra frente. A gente tem um currículo. Do jeito que ele está organizado, será que vai oferecer uma oportunidade para que esses alunos com necessidades especiais possam, de fato, chegar ao final do curso com a capacitação adequada para trabalhar? Não sei. Outra coisa, metodologia a gente sempre utiliza: estratégias de aula, didática, prova, tudo a gente pensa no aluno “normal” e esquece dos outros.

Se a gente usasse um conjunto de instrumentos variados, a gente poderia abordar não só as necessidades desses alunos, como também de outros alunos. Nem todo mundo gosta de fazer prova, nem todo mundo gosta de assistir à aula expositiva todo dia. Então, se a gente começar a variar um pouco as nossas estratégias de aula, todos temos a ganhar. E associada a esses tipos de problemas, a gente tem também o maior deles: a representação inadequada que nós temos dos alunos com deficiência. Não achamos que eles estão ali porque são capazes, porque conseguiram vencer uma etapa que, até então, a gente achava que era intransponível. Quando a gente se depara com o aluno na universidade, como é que a gente representa esse aluno? É aquele aluno “coitadinho”, que a gente começa a criar alguns estereótipos, a achar que ele tem que ter privilégios, começa a criar algumas atitudes que, ao invés de ajudar, fazem é atrapalhar.

Vocês, estudantes, estão se preparando para exercer uma carreira, e lá na frente, vocês vão ter que andar sozinhos. Assim, nada de passar a mão na cabeça de ninguém, porque a vida vai cobrar uma formação de vocês e o local em que vocês vão encontrar formação apropriada é na faculdade.

Durante o curso, junto com esse conceito, esse preconceito que a gente tem para com os alunos com necessidades educativas especiais, há todo um peso que colocamos nas costas destes alunos: - *Você é responsável por vencer essas barreiras. Eu estou aqui só como facilitador, mas você que é o responsável.* De fato, tem que ser algo negociado entre professor e aluno, com uma visão integrada. Não adianta a gente pedir para o aluno se adaptar, porque vai chegar uma hora que ele não vai conseguir: Nós precisamos reconhecer ou conhecer quais são as habilidades, as potencialidades e as limitações destes alunos. Se a gente não souber isso, todo o processo de ensino-aprendizagem vai fracassar. Se tivermos baixas expectativas, o aluno não vai se desenvolver. Se tivermos expectativas muito altas, que a gente sabe que eles não poderão alcançar, nós vamos criar uma situação de frustração. Então, conhecer as necessidades do aluno com deficiência é importante e influencia todo o processo.

Passando para a sala de aula, o processo mesmo de ensino aprendizagem, a primeira questão a pensarmos é: quais são as competências, habilidades e conhecimentos que esse aluno, juntamente com todos os outros, deve ter adquirido ao final do curso? Não podemos, em hipótese nenhuma, negociar conteúdos. O relato da Ana Kristia foi superesclarecedor: havia atividades dentro da disciplina, como o uso do microscópio, tinha que descrever o que estava sendo visto. A professora podia muito bem ter tido uma atitude completamente inadequada, do tipo: *Já que você tem essas limitações, vamos passar.* Mais a frente, a aluna poderia ter uma série de dificuldades por não ter se envolvido nesse tipo de atividade. Outra coisa: poderia ter a autoestima abalada. Ana Kristia falou: - *Você pode mudar a forma, mas o conteúdo*

jamais pode ser diferente. Então, na disciplina que o Donaldo fez comigo, Pesquisa Educacional I, ele tinha que fazer um projeto de pesquisa, tinha que ir ao campo, tinha que andar pela faculdade, tinha que apresentar seu trabalho, como todo mundo. O Donaldo participou ativamente de todas as etapas da elaboração do instrumento, de tudo. Aquele era um processo pelo qual ele tinha que passar.

Era engraçado que o Donaldo sempre estava disposto, bem-humorado, nunca o vi com raiva. Chegava à sala de aula procurando o cantinho dele. Eu brincava: - *Donaldo, você já chega atrapalhando a aula, batendo, fazendo barulho.* Ele sempre descontraía a turma e, muitas vezes, exigia dos alunos um posicionamento. Então eu sempre brincava, respeitando, obviamente, a situação do Donaldo, mas isso criava um clima dentro da sala de aula, uma cooperação muito grande entre Donaldo e seus colegas.

O Donaldo sempre que podia, soltava piada dentro da sala de aula: - *Tá vendo, o ceguinho aqui é que sabe de tudo, vocês olham, enxergam, leem, no final das contas quem sabe sou eu.* Então, isso era um aspecto que, de fato, me impressionava e me levava a pensar: - *Bom, dessa forma o Donaldo vai chegar lá, porque ele tem interesse, ele tem discussão, ele tem tudo para vencer os obstáculos.* Ninguém pode, em nenhum momento, dizer que você vai ter que baixar o nível para ele, jamais.

Outra questão: que recurso a gente precisa para conduzir um processo de ensino-aprendizagem dentro de sala de aula com alunos com necessidades educacionais especiais? Quando a gente fala em recursos físicos, eles são os mais fáceis: constrói uma rampa aqui, adapta o banheiro, coloca um elevador, ou coloca uma marca de Braille na sala de aula, instala o DOSVOX. Tudo isso é fácil, muito embora ainda represente um desafio para a nossa universidade. Difícil é quando a gente entra na parte de recursos humanos, na nossa formação, aí é quando a gente vê a dificuldade! Mudar valores e atitudes, isso não é fácil! Se fosse, era uma beleza, o mundo não estaria do jeito que está.

Mudar os valores, as atitudes é, talvez, o maior desafio que se coloca para a universidade.

Na minha experiência com o Donaldo acontecia assim: toda vez que tinha uma dificuldade ele me chamava e dizia assim: - *Meu caro professor, eu estou com um problema sério, eu não tenho isso.* Na segunda, terceira ou quarta aula, eu não me lembro bem, falou: - *Professor, eu não tenho como acompanhar isso aqui, porque eu não tenho material, eu já procurei na internet, sobre todo esse assunto.* Até então, eu nunca tinha imaginado que existia o Dosvox, que eu poderia contribuir com esse processo. Então, o Donaldo me disse: - *Bom, se o senhor puder me entregar esse texto em formato digital, pelo e-mail, eu me viro.* Naquela época eu mesmo saía scanneando os textos porque via uma pessoa interessada, via todo esforço que ele fazia. Eu ouvi outros colegas da faculdade dizerem: - *Eu jamais vou fazer isso, eu não, isso não é da minha responsabilidade, tem que ter algum bolsista para fazer isso.* Mas, e se não tiver? Como na época não tinha, então eu tive que assumir isso e ir pra frente assim mesmo.

Acho que o Dosvox foi um recurso fundamental. Eu não sei na visão de vocês, mas eu acho que pode ser considerado um marco no processo de formação de alunos cegos porque a partir daí, qualquer texto que você encaminha naquele formato, pode ser acessado. Eu brincava com a turma: - *Gente, o Donaldo lê mais rápido que vocês.*

Para encerrar a minha fala, faço uma última reflexão: será que a universidade hoje, nós, professores, estamos trabalhando com a integração, com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais? Penso que ainda há muito trabalho a ser feito e acho também que vocês – Donaldo, Ana Kristia, assim como outros alunos com deficiência – são as pessoas que podem dar opinião pra gente que está atuando, não só em sala de aula, mas também em projetos como o UFC Incluir. Vocês podem nos dar sugestões e precisam nos chamar e exigir os direitos que têm.

Para concluir, quero dizer que a minha participação tanto neste debate quanto na disciplina que o Donaldo cursou foram oportunidades ímpares porque, a partir delas eu comecei a ver a questão da inclusão com outros olhos.